

# MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

## CLASSE DE LETRAS

---

Revisitar o Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia (1599), de Diogo do Couto. Notas mínimas.

JOÃO ABEL DA FONSECA

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2024

*Título:* Revisitar o Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia (1599), de Diogo do Couto. Notas mínimas.

*Edição:* Academia das Ciências de Lisboa

*Data de edição:* 2024

*DOI:* <https://doi.org/10.58164/ax7a-bp85>

# **Revisitar o *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia (1599)*, de Diogo do Couto. Notas mínimas.**

JOÃO ABEL DA FONSECA

*In memoriam* António Coimbra Martins,  
saudoso confrade e amigo

## **I. INTRODUÇÃO**

A 19 de Maio de 2021 deixou-nos, em Paris, aos 94 anos, o saudoso confrade António Coimbra Martins. Por ter sido um dos mais consagrados autores que dedicaram estudos à Vida e Obra de Diogo do Couto, pensámos que na próxima oportunidade de apresentar uma comunicação contemplaria esta um pequeno bosquejo, *In memoriam*, debruçando-nos sobre um tema relacionado com a obra do celebrado cronista.

Duas das últimas conferências de Coimbra Martins foram, precisamente, dedicadas àquela figura maior da historiografia portuguesa: “Couto e os seus Soldados”, em 2016<sup>1</sup>, e “O Terceiro Soldado Prático”, em 2017<sup>2</sup>, sem que os textos respectivos, tanto quanto saibamos, tenham sido dados ao prelo.

A escolha de um tema relacionado com a Obra de Diogo do Couto prende-se, acrescidamente, com o facto de ter sido a Academia Real das Ciências que, ainda no século XVIII (1790), se interessou pela publicação do diálogo *O Primeiro Soldado Prático*<sup>3</sup>, título fixado por António Coimbra Martins na edição publicada deste diálogo, em 2001<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Colóquio Internacional “Diogo do Couto: história e intervenção política de um escritor polémico”. [https://dglab.gov.pt/wp-content/uploads/2016/11/Couto\\_Coloquio\\_Programa.pdf](https://dglab.gov.pt/wp-content/uploads/2016/11/Couto_Coloquio_Programa.pdf) Consultado em 06-03-2022.

<sup>2</sup> Cf. Sessão Comemorativa do 4.º Centenário da morte de Diogo do Couto, promovida pela SGL e a AICP. <https://www.socgeografialisboa.pt/2017/02/14/4o-centenario-da-morte-de-diogo-do-couto/> Consultado em 06-03-2022.

<sup>3</sup> Publicado, inicialmente, por António Caetano do Amaral, na segunda parte da obra intitulada *Observações sobre as principais causas da decadência dos Portugueses na Ásia, escritas por Diogo do Couto, em forma de diálogo, com o título do Soldado Prático*. Lisboa, Academia Real das Ciências, 1790, pp. 205-236.

<sup>4</sup> Cf. Couto, D., *O Primeiro Soldado Prático*, introdução, ensaio de leitura, glossário e índice onomástico

Maria Augusta Lima Cruz, em estudo recente, vem a dilucidar<sup>5</sup>: “A produção literária de Diogo do Couto, pode dizer-se, concentra-se nos últimos 20 anos de sua vida. Na verdade, quando, em 1595, com cerca de 53 anos de idade, foi nomeado para o cargo de cronista da Índia portuguesa só tinha composto o diálogo *O Primeiro Soldado Prático*, e rascunhado alguns trabalhos de cariz histórico, como uma narrativa sobre a história dos portugueses no Oriente desde a aclamação de Filipe I neste império (o embrião da futura *Década Décima*), e possivelmente um *Comentário dos Lusíadas*, versando essencialmente matérias históricas do poema épico; este trabalho, inacabado e desaparecido, constaria de comentário a “tudo o que Vasco da Gama contou ao rey de Melinde da origem de Portugal e de seus reys e tudo o que aquella ninfa lhe mostrou na ilha de Santa Elena dos visorreys que avião de governar a India e todos os seus feitos”<sup>6</sup>.

Mas, a partir da sua nomeação para o cargo de cronista da Índia e, simultaneamente, organizador e guarda-mor da Torre do Tombo de Goa, Couto desenvolveu uma actividade literária infatigável. A um segundo diálogo *O Soldado Prático*<sup>7</sup> e a um conjunto de orações escritas e proferidas nas tomadas de posse dos governadores/vice-reis ou em outros actos solenes na cidade de Goa<sup>8</sup>, junta-se o grande volume do seu trabalho situado no campo historiográfico. É nesse campo em que se inscrevem as nove *Décadas da Ásia* — o seu *opus magnum* —, o *Tratado dos Gama*<sup>9</sup> e a *Vida de D. Paulo de*

---

por António Coimbra Martins. Lisboa, CNCDP, 2001.

<sup>5</sup> Cf. Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “Da construção historiográfica de Couto: os trabalhos forçados do editor” in Loureiro, R. M. & Cruz, M.<sup>a</sup> A. L. (ed.), *Diogo do Couto – História e Intervenção de um Escritor Polémico*. Fimalicão, Húmus, 2019, pp. 97-115.

<sup>6</sup> Cf. *Década Oitava*, Liv. V, Cap. 9, p. 472, editada in Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., *Diogo do Couto e a Década 8.<sup>a</sup> da Ásia*, Vol. I, Coleção “Mare Liberum” da CNCDP. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

<sup>7</sup> A primeira edição levada a cabo por António Caetano do Amaral, *ob. cit.*, pp. 1-204. Seguir-se-iam as edições de Manuel Rodrigues Lapa (Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1937; 1954) e de Ana María García Martín (Coimbra, Angelus Novus/Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 2009), ambas assentes em manuscrito parcialmente autógrafa e ambas sob título *O Soldado Prático*.

<sup>8</sup> Cf. *Diogo do Couto orador. Discursos oficiais proferidos na Câmara de Goa*, edição de Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., Loureiro, R. M. e VILA-SANTA, N., Albufeira/Portimão, Arandis/ISMAT, 2016.

<sup>9</sup> Nome por que é vulgarmente conhecido este tratado, cujo título completo é: *Tratado de todas as cousas socedidas ao valeroso capitão Dom Vasco da Gama primeiro Conde da Vidigueira: Almirante do mar da India: no descobrimento, e conquistas dos Mares, e Terras do Oriente: e de todas as vezes que ha India passou, e das cousas que socederão nella a todos seus filhos. Dirigido a Dom Francisco da Gama Conde da Vidigueira almirante do mar Indico, e visorrei da India por Diogo do Couto Cronista e Guarda Mor da Torre do Tõbo da India*. Dele foi feita edição diplomática, assente numa das cópias manuscritas conhecidas, com o título *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*,

*Lima Pereira*<sup>10</sup>, e ainda outros escritos cujo paradeiro se desconhece: um *Tratado das Fortalezas*, um *Epílogo da História da Índia*, e uma *História da Etiópia*, obra em que refutava o livro sobre o mesmo reino publicado em 1611 por Frei Luís de Urreta<sup>11</sup>. Sublinhe-se, por último, o facto de, no âmbito desta produção historiográfica, Diogo do Couto ter também cultivado um outro subgénero literário, o das relações de naufrágio, sendo provável terem algumas delas circulado como peças avulsas. Assim parece ter acontecido com as relações de naufrágio das naus *Águia* e *Graça* (1559 e 1561) e com a da nau *S. Tomé* (1589). Nessa condição, viriam a ser publicadas por Bernardo Gomes de Brito na *História Trágico-Marítima* (1735–1736)<sup>12</sup>.

Importa ter em atenção que: “[...] data de 1589 a primeira carta em que Couto solicita a Filipe II [Filipe I de Portugal] o duplo cargo de cronista da Ásia filipina e de guarda-mor de um arquivo a criar em Goa. Sem resposta do monarca, repetiu o pedido em 1593. Em carta a Couto e através de sucessivas instruções, emanadas de 1594 a 1595, Filipe II acabou por deferir os requerimentos de Couto, mas impondo-lhe que, como cronista da Ásia, retomasse o trabalho de João de Barros nas *Décadas da Ásia*”<sup>13</sup>. Este processo foi investigado por Coimbra Martins no seu estudo “Sobre a génese da obra de Couto (1569–1600) — Uma carta inédita”<sup>14</sup>, publicado em 1974, nos *Arquivos do Centro Cultural Português*.

A escolha do *Tratado dos Gama*, como tema deste bosquejo singelo, prende-se ainda com o facto de ter sido promessa de Coimbra Martins, pelo menos a partir

---

introdução, leitura e glossário de Silva, J. M. A. e Santos, J. M., Lisboa, Edições Cosmos, 1998.

<sup>10</sup> Da *Vida de D. Paulo de Lima Pereira* estão localizadas quatro cópias manuscritas e, até à data, saíram duas edições (1765 e 1903), as quais não incluem, todavia, as seguintes peças liminares dos códices: epístola dedicatória de Couto a D. Ana de Lima Pereira, irmã do biografado, datada de 10 de Novembro de 1611; dois sonetos, um dos quais, pelo menos, da autoria de Couto. Vd. Couto, D., *Vida de D. Paulo de Lima Pereir... O Hercules Portuguez*. Lisboa, Officina de José Philippe, 1765; Couto, D., *Vida de D. Paulo de Lima Pereira*, explicação prévia por Pereira, G., Lisboa, Escriptorio, 1903.

<sup>11</sup> Vd. Urreta, L., *Historia de la sagrada Orden de predicadores, en los remotos reynos de la Etiopia: Trata de los prodigiosos sãtos, martyres, y cõfessores, inquisidores apostolicos, de los couentos de Pluriamos, dõde viuen nueue mil frayles: del Alleluya con siete mil: y de Bedenagli, de cinco mil monjas: con otras grandezas de la religion del padre Santo Domingo.../ Por el presentado Fr. Lvoys de Vrreta...* Imprensa en Valencia, en casa de Iuan Chrysostomo Garriz, año 1611.

<sup>12</sup> A relação das naus *Águia* e *Graça* colhe, arranjada, na *Década Sétima*; já a relação da nau *S. Tomé* corresponde aos últimos capítulos da *Vida de D. Paulo de Lima Pereira* e, supõe-se, faria parte da *Década Undécima* extensa, desaparecida.

<sup>13</sup> Cf. Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “O *Tratado dos Gama* de Diogo do Couto” in *Oceanos*, n.º 33. Lisboa, CNCDP, 1998, p. 134, nota 3.

<sup>14</sup> Cf. Martins, A. C., “Sobre a génese da obra de Couto (1569–1600) – Uma carta inédita” in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. VIII. Paris, CCP/FCC, 1974, pp. 134-174.

de 1970/71, levar a cabo a sua publicação, o que nunca viria a ocorrer sob a sua orientação, mas tão-só em 1998, como já mencionado acima. Coimbra Martins dedicou, contudo, a esta obra de Diogo do Couto, dois estudos fundamentais, tal é o caso da resenha “Diogo do Couto et la famille Da Gama: Un traitè inédit”<sup>15</sup>, de 1979, dedicado ao historial da “descoberta” do *Tratado dos Gama*, e “Pelos Vidigueira e D. Francisco”<sup>16</sup>, publicado, em 1985, na colectânea *Em torno de Diogo do Couto*, em que esclarece a origem da encomenda do tratado.

A síntese breve de Maria Augusta Lima Cruz ajuda-nos a compreender como surgiu a encomenda do *Tratado dos Gama* a Diogo do Couto, por parte de D. Francisco da Gama (1565–1632), vice-rei da Índia pela primeira vez, entre 1597 e 1600, 4.º Conde da Vidigueira e bisneto de Vasco da Gama. “Quando, em 1597, D. Francisco da Gama assumiu o cargo de vice-rei, Diogo do Couto, recém-nomeado cronista e guarda-mor do Tombo de Goa, estava em risco de perder os cargos por que tanto lutara. [...] Filipe II encarregou D. Francisco da Gama de, com a ajuda do arcebispo de Goa (D. Aleixo de Meneses), inquirir se Couto tinha “falta em seu nascimento” e encarregou-o também de ler as *Décadas* que Couto ia compondo dando sobre elas a sua opinião. E mais, se vice-rei e arcebispo achassem conveniente, o monarca português estava disposto a retirar a Couto o encargo de escritura da história da Ásia. [...] Estas instruções de Filipe II a D. Francisco, que se encontram numa carta datada de Março de 1598, teriam chegado ao seu destinatário só nos finais do mesmo ano. Tarde de mais! [...] Sendo “hábil e dissimulado no seu trato com as altas personagens, como crítico e amargo no seu foro interior” — assim o caracteriza A. Coimbra Martins —, Diogo de Couto aplicou, de imediato, a estratégia certa para pôr do seu lado D. Francisco da Gama. [...] Assim, logo no Natal de 1597, aproveitou a primeira oportunidade que se lhe ofereceu, proferindo a sua primeira “fala” pública na cerimónia de tomada de posse de D. Francisco da Gama, em que simultaneamente foi inaugurado, na Câmara de Goa, um retrato de Vasco da Gama em tamanho natural. Na oração que então proferiu fez um eloquente panegírico a Vasco da Gama

---

<sup>15</sup> Cf. Martins, A. C., “Diogo do Couto et la famille Da Gama: Un traitè inédit”, in *Revue de Littérature Comparée*, n.º 234, Hommage à Marcel Bataillon. Paris, 1979, pp. 279-287.

<sup>16</sup> Cf. Martins, A. C., “Pelos Vidigueira e D. Francisco” in *Em torno de Diogo do Couto*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1985, pp. 67-95.

chegando, inclusivamente, a alvitrar que a “Índia” se deveria passar a chamar “Gama”. Perante esta peça de oratória “[...] surge uma encomenda — o *Tratado dos Gama*”<sup>17</sup>.

Está bem de ver-se que Diogo do Couto percebeu que a encomenda recebida era um imperativo e não havia como recusar. A sua carreira perigava e importava, por conseguinte, estar nas boas graças do vice-rei, livrando-se das ameaças que pesavam sobre a sua competência como cronista. Este trabalho suplementar, pela pronta aceitação, viria a compensar, sabendo-se como, logo a partir de Janeiro de 1598, as suas *Décadas da Ásia* começaram a ser enviadas para o reino com o aval de D. Francisco. Na verdade, Couto “por conveniência ou convicção, soube habilmente contornar a situação: abraçou o culto dos Gama na Índia promovido por D. Francisco”<sup>18</sup>.

Este pormenor não escapa a Coimbra Martins no supracitado estudo “Pelos Vidigueira e D. Francisco”, ao significar: “Por encargo do rei, Diogo do Couto — que lhe propusera uma crónica geral da Ásia Filipina — tivera de mudar de ideias e enquadrar a história em *Décadas*, a partir de 1526. Quando D. Francisco lhe encomenda o “*Tratado*”, tem Diogo do Couto concluídas as *Décadas* 4 e 5, inteira ou parcialmente a 6, e redigidos esboços que hão-de figurar na 10 e 11; e subitamente, obrigam-no a recuar ainda mais, à descoberta da Índia, e a encarar a história por outro prisma: não a história da Ásia com os feitos de Gamas, Albuquerque, de todos os outros... Mas a crónica dos Gama como história da Ásia”<sup>19</sup>.

Para além dos estudos de Coimbra Martins dedicados à obra de Diogo do Couto, já referidos, importa não esquecer os coligidos no livro, também supracitado, *Em torno de Diogo do Couto*. No estudo “Sobre a génese da obra de Diogo do Couto — Uma carta inédita”, o autor caracteriza-a deste modo: “Frase pesada, período longo que colhe novo fôlego, mediante articulações precárias, nos sítios onde devia resolver-se em pontos finais. Discurso abundante em repetições tanto de ideias como de termos”<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Cf. Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “O *Tratado dos Gama* de Diogo do Couto” in *Oceanos*, n.º 33. Lisboa, CNCDP, p. 117.

<sup>18</sup> Cf. Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “Diogo do Couto (1542–1616): Vida e Obra de um autor polémico” in *Memórias* 2017, vol. XLVII. Lisboa, Academia de Marinha, 2018, p. 160.

<sup>19</sup> Cf. Martins, A. C., “Pelos Vidigueira e D. Francisco” in *Em torno de Diogo do Couto*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1985, p. 70. Excerto transcrito em Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “O *Tratado dos Gama* de Diogo do Couto” in *Oceanos*, n.º 33. Lisboa, CNCDP, 1998, p. 119.

<sup>20</sup> Cf. Martins, A. C., “Sobre a génese da obra de Couto (1569–1600) – Uma carta inédita” in *Arquivos do*

Na análise de Maria Augusta Lima Cruz: “[...] Estas fragilidades não obliteram as virtuosidades de um autor que, sem recurso aos ornamentos e à polidez de estilo de um bom escritor, tem a arte de saber contar, conquistando o leitor para a sua história, quantas vezes pitoresca e anedótica, graças a uma peculiar técnica narrativa. Soube ligar a diversidade dos materiais ao seu alcance introduzindo aqui e ali pequenos comentários, apartes, breves notícias autobiográficas, episódios da sua experiência pessoal, apontamentos de erudição geralmente colhidos na tradição clássica. Soube também aligeirar o discurso para, usando as suas próprias palavras, tornar a «história menos enfadonha»”<sup>21</sup>.

A terminar a introdução, fiéis ao *In memoriam* António Coimbra Martins, deixamos mais um apontamento que não poderíamos esquecer, relacionado com a atenção que o saudoso confrade dedicou, no seu estudo “Diogo do Couto et la famille Da Gama: Un traitè inédit”<sup>22</sup>, ao epigrama em latim dirigido pelo cronista “*Ad invictissimum Ducem Vascum da Gama, Illustrissimae Vidigarensis familiae Primum autorem*”, logo após a Epístola dedicatória a D. Francisco, no *Tratado dos Gama*.

Coimbra Martins não se esquivava de comentar que, segundo os entendidos em assuntos literários, se trata de um poema de má qualidade, mas o que importa sublinhar é que vem a propor uma tradução deste epigrama em verso, equivalente aos hexâmetros e pentâmetros de Couto.

Em latim, podemos ler:

*Persarum abscondant antiqua volumina vitem,  
Et quas tu gemmas aurea vitis habes.  
Lysiadum maior se tollit in aethera vitis,  
Non pro creant talis Ganges, et Indus opes.  
Tu Gama es nostri vitis pulcherrima. Regis  
Ditaste gemmis Lysia Regina tuis.  
Exce gemmantes video pendere racemos,*

Centro Cultural Português, vol. VIII. Paris, CCP/FCG, 1974, p. 133.

<sup>21</sup> Cf. Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “Da construção historiográfica de Couto: os trabalhos forçados do editor” in Loureiro, R. M. & CRUZ, Cruz, M.<sup>a</sup> A. L. (ed.), *Diogo do Couto – História e Intervenção Política de um Escritor Polémico*. Fimalicão, Húmus, 2019, p. 102.

<sup>22</sup> Cf. Martins, A. C., “Diogo do Couto et la famille Da Gama: Un traitè inédit”, in *Revue de Littérature comparée*, n.º 234, Hommage à Marcel Bataillon. Paris, 1979, p. 287.

*Quot Gamas, gemas tot bona vitis habes. (4v)*<sup>23</sup>

Em português, como proposta:

*Livros não dizem a raiz dos Persas,*

*Não dizem cachos da áurea vide.*

*Ó Vidigueira, aos céus mais altos sobe*

*A cepa lusa. Tais tesouros*

*Não produzem o Indo nem o Ganges.*

*Tu, deste Reino a melhor cepa,*

*De gemas, Gama, tuas adornaste*

*O vasto império lusitano:*

*Ramos de ti vejo sair virentes*

*E cada gema é outro Gama.*<sup>24</sup>

## II. O TRATADO DOS GAMA

Notas mínimas, como o título da comunicação contempla, e foi a nossa proposta no sentido de se recordar o saudoso confrade António Coimbra Martins, não justificaria que nos dilatássemos muito mais sobre o tema. É nossa convicção que a obra em apreço de Diogo do Couto merece, mesmo assim, mais alguns apontamentos.

Publicada a fonte, em 1998, sob o título de *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*<sup>25</sup>, passou a estar à disposição dos investigadores a obra que, como era corrente na época, recebera um título na proporção da dignidade pretendida: *Tratado de todas as cousas socedidas ao valeroso capitão Dom Vasco da Gama primeiro Conde da Vidigueira: Almirante do mar da India: no descobrimento, e conquistas dos Mares, e Terras do Oriente: e de todas as vezes que ha India passou, e das cousas que socederão nella a todos seus filhos. Dirigido a Dom Francisco da Gama Conde da Vidigueira almirãte do mar Indico, e visorrei da India por Diogo do Couto Cronista e Guarda Mor da Torre do Tõbo da India.*

O cronista esclarece que para compor o *Tratado* tinha-se socorrido de fontes escritas e orais. Quanto às primeiras refere autores como Damião de Góis, João

---

<sup>23</sup> Cf. Couto, D., *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*, introdução, leitura e glossário por Silva, J. M. A. & Santos, J. M., Lisboa, Cosmos, 1998, p. 23.

<sup>24</sup> Excertos citados, com comentários, em Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “O *Tratado dos Gama* de Diogo do Couto” in *Oceanos*, n.º 33. Lisboa, CNCDP, 1998, p. 132.

<sup>25</sup> Cf. Couto, D., *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*, introdução, leitura e glossário por Silva, J. M. A. & Santos, J. M., Lisboa, Cosmos, 1998.

de Barros, D. João de Castro, Padre Francisco Álvares, Fernão Lopes de Castanheda, Miguel de Castanhoso e de outros documentos avulsos, tal foi o caso do alvará de cavaleiro atribuído por D. Estêvão da Gama a um João Camilo, no Monte Sinai (fls. 2, 2v, 3, 22, 29, 131, 161, 161v, 186v e 198v)<sup>26</sup>. Para além do aproveitamento do que já havia coligido para as *Décadas*, Diogo do Couto tinha à sua disposição toda a documentação do Arquivo da Torre do Tombo de Goa, de que era guarda-mor, com destaque para a legislação específica do Estado da Índia (fl. 22). Quanto às fontes orais, é o próprio que explicita alguns casos, indicando o nome dos interlocutores, tomando como exemplos: a expedição ao Suez (fls. 127v e 133); as notícias da Etiópia (fls. 171, 171v e 185v) e a certificação dos acontecimentos constantes no traslado do *Tratado* de Miguel de Castanhoso<sup>27</sup> (fls. 186v e 187)<sup>28</sup>.

Concluído o *Tratado* em Goa, a 16 de Novembro de 1599, data da Epístola dedicatória ao vice-rei D. Francisco da Gama<sup>29</sup>, Diogo do Couto, que foi fértil em alardear obra feita, devotou um silêncio intrigante a esta, sendo que nem na correspondência que manteve com D. Francisco após aquela data, de que se conhecem algumas cartas, vez alguma mencionou o *Tratado*. Esta realidade poderá indiciar que a obra não agradara ao encomendante e, por conseguinte, reconhecesse ou não Diogo do Couto que aquela cumprira os objectivos, preferiu, estrategicamente, deixá-la cair no esquecimento.

Maria Augusta Lima Cruz, a este propósito, vem a esclarecer: “Ignorado pelo próprio autor, o *Tratado dos Gama* foi-o também pelos primeiros biógrafos de Couto, que não o integraram na lista de obras por ele escritas. A primeira notícia sobre a existência deste *Tratado* só aparece em 1759. É fornecida por Barbosa Machado no suplemento da sua *Biblioteca Lusitana*; a informação detalhada que dá das partes em que se estrutura e das peças liminares que o acompanham, leva-nos a concluir que teve acesso à cópia que hoje se encontra na Biblioteca

---

<sup>26</sup> Cf. *Ibidem*, pp. XXVII-XXVIII.

<sup>27</sup> Vd. Castanhoso, M., *Dos Feitos de D. Christovam da Gama em Ethiopia*, publicado por Pereira, F. M.<sup>a</sup> E., Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.

<sup>28</sup> Cf. Couto, D., *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*, introdução, leitura e glossário por Silva, J. M. A. & Santos, J. M., Lisboa, Cosmos, 1998, p. XXVIII.

<sup>29</sup> Cf. *Ibidem*, p. 22.

Nacional”<sup>30</sup>, precisamente, a que foi usada na edição de 1998. Por seu turno, “a primeira localização de um manuscrito é feita por José Maria António Nogueira, em 1871, na obra *Noticia dos manuscriptos da livraria da Excellentissima Casa de São Lourenço*”<sup>31</sup>.

A obra que seguimos, dedicada à publicação do *Tratado dos Gama*, contempla ainda dois outros textos com muito interesse, a saber: a *Vida de Diogo de Couto, Chronista do Estado da India, e Guarda mór da Torre do Tombo della, escripta por Manoel Severim de Faria, Chantre, e Conego da Sé de Evora*, que já tinha sido publicado, em 1808, por Antonio Lourenço Caminha, nas *Obras Ineditas de Diogo de Couto*, em Lisboa, na Impressão Imperial e Real<sup>32</sup>, e uma *Noticia dos Authores, que Escreveram de Diogo de Couto E Catalogo das Obras, que Compos, extrahidas da Bibliotheca de Diogo Barbosa Machado*<sup>33</sup>, conforme consta *Da Asia* de Diogo de Couto [...], Déc. IV, Parte I<sup>34</sup>.

O *Tratado dos Gama* estrutura-se em duas partes, cujos conteúdos se passam a discriminar, abreviadamente: a I parte, que se subdivide em 28 capítulos, tem como protagonista Vasco da Gama, trata das três viagens realizadas por este, a par dos sucessos mais importantes das suas permanências na Índia; a II parte subdivide-se em 30 capítulos que, de igual modo, se podem agrupar em três blocos. O 1.º relata a viagem da armada que saiu de Lisboa para a Índia, em 1532, na qual embarcaram três filhos de Vasco da Gama (D. Estêvão, D. Paulo e D. Cristóvão) e os períodos em que foram capitães de Malaca D. Paulo (que aí morreu em combate) e D. Estêvão. O 2.º, relata o governo da Índia por D. Estêvão (1540–1542), destacando-se o relato da expedição ao Mar Roxo, bem como os sucessos de D. Cristóvão na Etiópia até à sua morte (1541–1542). O 3.º, conclusão dos sucessos da expedição à Etiópia, depois da morte de D. Cristóvão, e a relação

<sup>30</sup> Cf. Cruz, M.ª A. L., “O *Tratado dos Gama* de Diogo do Couto” in *Oceanos*, n.º 33. Lisboa, CNCDP, 1998, p.122.

<sup>31</sup> Cf. *Ibidem*, p. 122. Nogueira, J. M.ª A., *Noticia dos manuscriptos da livraria da Excellentissima Casa de São Lourenço*. Lisboa, Typografia Belenense, 1871, p. 26.

<sup>32</sup> Cf. Caminha, A. L., *Vida de Diogo de Couto, Chronista do Estado da India, e Guarda mór da Torre do Tombo della, escripta por Manoel Severim de Faria, Chantre, e Conego da Sé de Evora* in *Obras Ineditas de Diogo de Couto*. Lisboa, Impressão Imperial e Real, 1808, pp. 23-44.

<sup>33</sup> Cf. Machado, D. B., *Noticia dos Authores, que Escreveram de Diogo de Couto E Catalogo das Obras, que Compos, extrahidas da Bibliotheca de Diogo Barbosa Machado* in *Bibliotheca Lusitana*, Tom. I. Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, pp. 648-649; Tom. IV. Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759, p. 98.

<sup>34</sup> Cf. Couto, D., *Da Asia*, Dec. IV, Parte I. Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1778, pp. XX-XXVI.

do cerco posto pelos exércitos de Johor e de Japara a Malaca (1551), no tempo em que a governava um outro filho de Vasco da Gama, D. Pedro da Silva da Gama (1548–1552)<sup>35</sup>.

Pela leitura da obra pode concluir-se que a designação de “tratado” é algo ambiciosa, já que nada ou quase nada se teoriza, antes se limitando o autor a relatar, cronologicamente, os sucessos. Digamos que é mais uma crónica “sobre os feitos de Vasco da Gama e de alguns dos seus filhos no Oriente, como por duas vezes lhe chama o seu autor na epístola dedicatória”<sup>36</sup>. Usamos “alguns dos seus filhos” com toda a propriedade, já que Diogo do Couto excluiu do *Tratado dos Gama* o tempo em que um outro filho de Vasco da Gama, D. Álvaro de Ataíde, foi capitão de Malaca, em 1552–1554. Argumenta o cronista, mesmo no final do tratado, que não contempla D. Álvaro, porque no seu tempo “não aconteceu cousa notável”<sup>37</sup>. Não nos parece, todavia, que que tenha sido esta razão a fundamental. Lendo-se o que Diogo do Couto escreveu sobre a actuação deste fidalgo em Malaca, percebe-se por que entendeu ser conveniente não o integrar numa obra em que se pretendia celebrar o nome da sua família: “D. Álvaro de Ataíde da Gama, “por se tirar das despesas de Goa”, conta Diogo do Couto na *Década 6.<sup>a</sup>*, resolveu partir para Malaca um ano antes do termo do mandato de seu irmão, D. Pedro da Silva da Gama. [...] Em Malaca desentendeu-se com D. Pedro, aproveitando-se do facto de ele “estar malquistado de todos”; na qualidade de capitão-mor do mar impediu Diogo Pereira de transportar o padre Francisco Xavier até à China, porque queria “dar os proveitos daquela viagem a um homem de sua obrigação”. Obstáculos estes que levaram o padre Francisco a ficar tão escandalizado que, saindo de Malaca, “sacudiu os sapatos, dizendo que nem o pó de tão má terra queria levar consigo”. D. Álvaro de Ataíde, depois da capitania de Malaca, foi acusado de graves culpas e foi preso para o reino. Toda esta informação, dada na *Década 6.<sup>a</sup>*, achou, em consequência Diogo do Couto que não era oportuno transpor para o *Tratado dos Gama*”<sup>38</sup>. Resultou, deste modo, o “apagamento” da figura de D. Álvaro de Ataíde do *Tratado*. Uma virulenta crítica aos

<sup>35</sup> Cf. Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “O *Tratado dos Gama* de Diogo do Couto” in *Oceanos*, n.º 33. Lisboa, CNCDP, 1998, p. 128.

<sup>36</sup> Cf. *Ibidem*, p. 128.

<sup>37</sup> Cf. Couto, D., *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*, *ob. cit.*, p. 199.

<sup>38</sup> Cf. Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “O *Tratado dos Gama* de Diogo do Couto” in *Oceanos*, n.º 33. Lisboa, CNCDP, 1998, p. 130.

capitães de Malaca, inserta no Cap. 6 do Liv. IX da mesma década, em que o cronista trata da governação de D. Pedro da Silva da Gama, enquanto capitão de Malaca, foi de igual modo ignorada no *Tratado*. Na verdade, também naquela praça haviam sido capitães D. Paulo e D. Estêvão da Gama.

Certo é que em muito pouco o *Tratado dos Gama* contempla novidades em matéria de sucessos que não tivessem já merecido relato em crónicas anteriores. Talvez muito por isso, por se tratar de uma mera compilação, nem o autor nem o encomendante se tivessem interessado por obviar à sua publicação.

Sabemos como D. Francisco da Gama, 4.º conde da Vidigueira, a quem o *Tratado* foi dedicado, era bisneto do descobridor do caminho marítimo para a Índia, tendo ocupado o cargo de vice-rei por duas vezes, entre 1597–1600 e 1622–1628, sendo que, tal como pode ler-se logo na Epístola, teria sido quem encomendou a obra: “Depois que Vossa Senhoria me mandou que recopilasse todas as cousas sobcedidas no descubrimento da India ao valeroso capitão dom Vasco da Gama, primeiro conde da Vidigueira e almirante do Mar Indico vosso visavo, tornandoas a revolver de novo, vendo e notando as maravilhosas couzas, e os raros e ezpantosos socessos que teve em trez vezes que a India passou não pude deixar de dar muita culpa a todos os seus descendentes no descuido que té agora tiverão e não mandar fazer cronica de per si de suas couzas porque como ver tão poucos, e esta carreira da India estar oje *tão continuada*, parece aquela primeira viagem em que a descobrio (pella grandeza e temeridade della) couza que passou lá na outra vida e não de tão perto como de hum visavo de Vossa Senhoria”<sup>39</sup>.

Sabemos como a 12 de Fevereiro de 1502, Vasco da Gama comandou, de novo, uma expedição com uma armada de vinte navios, com o objectivo de fazer cumprir os interesses portugueses no Oriente, tendo regressado a Portugal em Setembro de 1503. Neste curto período fez tributário o rei de Quíloa, exerceu duras represálias sobre Calecute e firmou alianças com os reis de Cochim e Cananor. Foi nesta viagem que ocorreu o primeiro registo europeu conhecido do avistamento das ilhas Seychelles, chamadas do Almirante, em sua própria honra. Feito Conde da Vidigueira em 1519, regressaria à Índia, como vice-rei, em 1524, munido de amplos poderes para fazer justiça, atalhar os abusos da fidalguia e pôr ordem na administração, mas viria a falecer na noite de Natal desse mesmo ano.

---

<sup>39</sup> Cf. Couto, D., *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*, ob. cit., p. 21.

Como é bem de entender não cabem agora muitas outras considerações sobre o que Diogo do Couto escreveu no *Tratado*, sabendo nós, pelo estudo efectuado pelos organizadores da edição que vimos a seguir, que na elaboração da Segunda Parte seguiu alguns capítulos das suas *Décadas* IV, V e VI, “nalguns casos de forma bastante aproximada entre os dois textos, noutros procedendo a elaborações originais, a alterações, ajustamentos, cortes, junções ou acrescentos”, de que resultou uma tábua de equivalências, meticulosamente elaborada por aqueles<sup>40</sup>.

Deixamos, do Capítulo 28 da I Parte, o que o autor significou como “Das partes e qualidades de sua pessoa”, referindo-se a Vasco da Gama: “Foy este conde D. Vasco da Gama, filho de Estevão da Gama, era homem de meya estatura, espaduado envolto em carnes; muito cavalheiro de sua pessoa, muyto rezoluto em seos concelhos, e ouzado em commeter qualquer feito, no mandar foi aspero e muyto para temer em sua pachão; grande sofredor de trabalhos, muyto sofredor de trabalhos, digo e muyto justissozo, grande executor no castigo”<sup>41</sup>. Um outro pequeno apontamento tem a ver com a idade na hora da morte: “[...] e quando foi vespora do Natal faleceo desta vida prezente de idade de sincoenta e oito annos”<sup>42</sup>. Tendo a morte de Vasco da Gama ocorrido, como já vimos acima, no ano de 1524, em Cochim, teria este nascido em 1466, fazendo fé no que nos afirma Diogo do Couto.

Dedicamos agora algum tempo à II Parte do *Tratado*. Diogo do Couto só trata da acção dos filhos de Vasco da Gama que passaram à Índia, ficando, por conseguinte, de fora, o primogénito, D. Francisco da Gama que, muito embora detentor do cargo honorífico de almirante dos mares da Índia, nunca foi ao Oriente. De igual modo, não há lugar para a filha, D. Isabel Ataíde da Gama. Assim sendo, trata dos cinco filhos que estiveram a servir no Oriente: D. Estêvão da Gama, D. Paulo da Gama; D. Cristóvão da Gama e D. Pedro da Silva da Gama, limitando-se a mencionar, como vimos, D. Álvaro de Ataíde da Gama.

Nos primeiros quatro capítulos da II Parte relata a ida para a Índia, em 1532, de D. Estêvão (que já acompanhara seu pai, em 1524), D. Paulo e D. Cristóvão, bem como as várias missões em que se distinguiram, designadamente as de

---

<sup>40</sup> Cf. *Ibidem*, pp. XVII-XIX.

<sup>41</sup> Cf. *Ibidem*, p. 105.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*, p. 105.

Malaca, de cuja fortaleza os dois primeiros foram capitães. Nos capítulos 5 a 11, trata, essencialmente, da acção de D. Estêvão, que tomou posse como governador do Estado em 4 de Abril de 1540, a expedição que organizou e comandou ao Mar Vermelho, até ao Suez, e aspectos da sua governação, interrompendo aquela narrativa da viagem de regresso, em Maçua. Assim é que os capítulos 12 e 13 são dedicados ao relato das muitas aflições do Preste João, face aos permanentes ataques que sofria por parte do rei mouro de Zeila, havia 14 anos, na Etiópia, bem como o pedido de socorro daquele ao governador e a decisão deste em nomear D. Cristóvão para comandar os 400 portugueses que por lá ficaram. Nos capítulos 14 a 17, prossegue o relato do regresso da expedição de Maçua a Goa, onde chega em finais de Agosto de 1541, dando conta de vários episódios de cariz militar em que alguns fidalgos e os seus soldados se notabilizam, nomeadamente, contra o Nizamoxa (Nizam Shâh) e o rei de Cambaia, na tomada das fortalezas de Sangaça e Carnala, que são submetidas.

O cronista faz a acção regressar à Etiópia nos capítulos 18 a 21 para relatar os feitos e o martírio de D. Cristóvão, torturado e depois executado. Em Maio de 1542, D. Estêvão entrega o governo do Estado da Índia a Martim Afonso de Sousa e embarca para o reino, sendo que o seu exílio voluntário em Itália, visitando Veneza, e “as partes e qualidades de sua pessoa”, preenchem o capítulo 22. Acompanhamos um pouco: “[...] andando naquella cidade foi conhecido, assim por filho do conde almirante, que descobriu a India, como por aquelle que chegou com mão armada, a caza de S. Catherina do Monte Sinay, que foy hua couza que espantou o mundo, pello que lhe fez aquella senhoria, e o sennado grandissimas honras, e oferimentos, e mandou retractar, e por suas estatuas entre os varoens, famosos, que ali tinhão; depois tornou ao Reino, e segundo dizem, foi algumas vezes commetido para tornar a governar a India, do que elle se excusou. Foi homem de meya estatura, bem asombrado e alegre, era groço e espadoado, e muito barbassudo, de cabello preto, e assim aparece hoje na caza dos governadores, onde está o seu retracto muito pello natural; foi fidalgo liberal, e de verdade, bom cavaleiro, e homem que ezeutava os concelhos, mas tinha pouco segredo, era profiozo, nunca foi cazado, teve um filho natural chamado dom Vasco da Gama, o qual deixou por seu herdeiro, e cazou com hua filha de Andre Telles, mordomo mór do Infante dom Luiz; dizem que depois de velho tornou a ser commetido, para aver a India, e que se escuzara, porque quiz segurar melhor

a sua consciencia, porque ella, e a honra, estão muito ariscadas naquelle cargo; jas enterrado em Azeitão, e tem hum letreiro na sua sepultura, que diz assim, o que armou cavaleiros ao pe do Monte Sinay veyo a acabar aqui”<sup>43</sup>.

Voltando a falar dos feitos na Etiópia, nos capítulos 23 e 24, o cronista narra o comportamento heroico dos 120 portugueses que se haviam escapado da hoste de D. Cristóvão e cuja acção foi decisiva na submissão, prisão e morte do rei de Zeila, inimigo figadal do Preste João. Por fim, nos seis últimos capítulos empenha-se em descrever a forma como os portugueses, sob o comando do capitão D. Pedro da Silva, resistiram na fortaleza e cidade de Malaca às investidas do rei de Viantana e o desbarataram. Diogo do Couto vem a terminar esta sua obra escrevendo: “[...] ficou dom Pedro todo o mais tempo de sua fortaleza muito quieto, e apos elle entrou naquella cappitania seu irmão, D. Alvaro de Athayde, em cujo tempo não acontesseu couza nottavel, depois por tempos vierão muitos nettos, e bisnetos, do grande D. Vasco da Gama: primeyro conde da Vidigueira, a India que mostrarão sempre em serviço de seu rey aquelle zello, que erdarão de seos avós, dos quaes, por decurso de minhas *Decadas* vou escrevendo, porque aqui faço fim a este Tractado, para honra e gloria de Deus Nosso Senhor, que vive e reina in secula seculorum amen”<sup>44</sup>.

### III. SOBRE OS OUTROS DOIS TEXTOS COMPILADOS

Sobre a *Vida de Diogo de Couto, Chronista do Estado da India, e Guarda mór da Torre do Tombo della, escripta por Manoel Severim de Faria, Chantre, e Conego da Sé de Evora*, muito brevemente, deixamos dois apontamento sobre como o biógrafo retratou o nosso autor: “Foi Diogo de couto mui douto nas Mathematicas, e particularmente na Geografia, soube bem a Lingua Latina e Italiana, nas quaes compoz alguns poemas, e assi na nossa vulgar, em que teve particular graça, tudo obras lyricas, e pastorís, de que deixou hum grande tomo de elegias, e églogas, canções, sonetos e trovas”<sup>45</sup>; “Foi Diogo de Couto homem de meia estatura, de alegre, e veneravel presença, olhos vivos, côm atericiada, e nariz algum tanto aquilino, mui laborioso, como o mostra a multidão de seus escriptos; teve grande

---

<sup>43</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 175-176.

<sup>44</sup> Cf. *Ibidem*, p. 199.

<sup>45</sup> Cf. *Ibidem*, p. 7.

conselho, e por essa causa era chamado muitas vezes dos vice-reys a elle, nos negocios de mór importancia. Era pouco cubiçoso, que para homem que viveo tantos annos na India, he grande maravilha, e assi foi mais rico de partes e merecimentos, que de fazenda, posto que esta lhe não faltasse em seu estado, com que sempre passou honradamente<sup>46</sup>.

Em relação ao *Catalogo das Obras* que ficaram manuscritas destacamos algumas que nunca vieram a aparecer:

*Epilogo da historia da India*. Nelle trata de cada fortaleza nossa<sup>47</sup>, e o que succedeo mais digno de memoria;

*Historia do Reyno da Ethiopia, chamado vulgarmente Preste João, contra as falsidades, que nesta materia escreveo Fr. Luiz Urreta Dominicano*. Foi offerecida esta obra pelos Padres Jesuitas ao arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes;

*Commento ás Lusíadas de Luiz de Camões* feito á petição deste incomparavel Poeta, em cuja empreza não passou do quinto Canto, que conservava D. Fernando de Castro Conego de Evora por lho ter deixado seu tio D. Fernando de Castro Pereira, a quem o Author o tinha remetido;

*Poezias varias*, Constavam de Elegias, Eglogas, Sonetos, Canções, e Glozas;

*De todos os tempos, e monções, em que se navega para todas as partes do Oriente, e dos pezos, medidas, e moedas, com tudo o mais pertencente a este argumento*. Esta obra não acabou impedido pela morte<sup>48</sup>.

#### IV. CONCLUSÃO

Conhecemos o que vem sendo considerado como o “século de ouro” da Expansão Portuguesa e pensamos poder concluir que os últimos tempos que Diogo do Couto nos relata sobre a vida no Estado da Índia, correspondem já ao crepúsculo de uma grandeza em tempos de perdição. O empenho com que se dedicou à compilação dos feitos dos Gamas no seu *Tratado*, traduz bem como, volvidos 100 anos sobre a primeira viagem de Vasco da Gama, havia uma consciência sedimentada sobre a importância daquele feito que, embora tivesse custos elevadíssimos em cabedais e vidas, permitiu o largo contributo que Portugal deu

---

<sup>46</sup> Cf. *Ibidem*, p. 11.

<sup>47</sup> Razão pela qual alguns autores referem ter existido, também, uma obra intitulada *Tratado das Fortalezas*.

<sup>48</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 16-18.

ao mundo de então sobre o conhecimento do orbe e dos homens, sem deixar de se ter presente que daquele caminho marítimo resultou a transferência da economia-mundo, do Oriente para a cidade de Lisboa.

Certo é que a encomenda para a redacção do *Tratado* não privou Diogo do Couto de emitir os juízos críticos que bem entendeu, já em abono da verdade histórica, como da sua probidade moral. Vimos, acima, como entende que D. Estêvão mantém “pouco segredo” e é “porfiozo”, responsabilizando-o, ao longo do texto, pelo insucesso da expedição ao Suez, porque as “detenções que o governador andou fazendo, forão a cauza principal delle não queimar as gallés”. Não só o critica por nem sempre conseguir dominar as paixões como ainda por ser “hum pouco teimozo (couza de que hade fugir quem estiver naquelle lugar)”. Percebe-se como tem no martirizado D. Cristóvão um ídolo, mas não deixa, mesmo assim, de o criticar pela falta de “purdencia e cercunspenção”, já que em vez de se ter acolhido às recomendações da rainha e do barnagais, esperando pela chegada do imperador, para que em conjunto as duas forças tivessem podido vencer o rei de Zeila, “como era mancebo orgulhozo, e grande cavalleiro, mas de pouca esperiencia, nas couzas da guerra, levou-se mais pello coração e animo”, tendo decidido desafiar o inimigo com uma ousadia desmedida, enfrentando-o numa luta desigual, qual avanço para o precipício que lhe causaria a morte e a tantos dos seus.

Nestas e noutras críticas se poderá encontrar mais uma razão pela qual D. Francisco da Gama não se teria empenhado, sobremaneira, na publicação da obra que encomendara ao cronista, se bem que, na Epístola dedicatória com que iniciou o manuscrito, Diogo do Couto dissesse esperar que o vice-rei fizesse “sair a luz este Tractado para andar por entrega da caza da Vidigueira para os erdeiros della o entregarem a seus filhos como cartilha por onde hão de [a]prender, para que como forem homens trabalhem por imitar os feitos de seus antepassados”<sup>49</sup>.

Uma outra reflexão desejamos deixar aqui, no que se refere ao espírito religioso e à missão evangelizadora e salvífica de que estavam imbuídos os homens daquele tempo, quanto a nós desvalorizada por alguns historiadores que assim o não entendem na vocação expansionista dos portugueses. No *Tratado*, o autor dá-nos conta do que também está patente n’*O Soldado Prático*, afirmando que o

---

<sup>49</sup> Cf. *Ibidem*, p. 22.

“negócio” da descoberta da Índia foi “tamanho” ou “couza grande”, pelos gastos e pelos riscos da aventura e, sobretudo, por ser serviço de Deus e bem do Reino. Quando o “grande capitão” se dispôs a ser padrinho de baptismo de um judeu polaco, emissário do sabaio de Goa, restar-nos-ão dúvidas sobre que se associou a uma acção evangelizadora, própria de um apóstolo?: “E assim podemos dizer que Vasco da Gama foi o primeiro depois do apóstolo S. Thomé que nestas partes [...] comesou a eexercitar este santo salvamento e que abrio esta fonte donde depois manou a amplissima christandade que por todo o Oriente se estende”<sup>50</sup>, rematava Diogo do Couto, à laia de conclusão.

A esta realidade não foi estranha uma outra, de momentos de violência, e mesmo de terror, peculiares na época, não raro a justificar alguns excessos. É conhecido um episódio em que Vasco da Gama se vingou do samorim de Calecute mandando enforcar nas vergas dos mastros dos navios lusos os reféns, súbditos daquele, ou do sultão do Cairo, que tinha capturado. A aludida prática do terror como tática, mesmo contra inocentes, acolhia-se como meio para justificar o fim, na luta contra os diferentes inimigos que importava combater e vencer, por forma a permitir o domínio das terras e das gentes naquelas paragens do Oriente.

O tempo que Diogo do Couto nos relata é mais um sinal de decadência em que a cobiça, a corrupção e a vida devassa, levada por muitos, se desenha no horizonte do ocaso de Quinhentos, altura em que, na transição do século XVI para o XVII, o fracasso mercantilista da carreira da Índia se tornara já uma evidência. O cronista apercebe-se daquela realidade, e chega a preconizar que só com o pé sobre o pescoço dos inimigos Portugal se manteria senhor do Estado da Índia.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 10 DE MARÇO DE 2022

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 15 DE SETEMBRO DE 2023

---

<sup>50</sup> Cf. *Ibidem*, p, XXI.

\* A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

## Bibliografia

### FONTES MANUSCRITAS

*Biblioteca Nacional de Portugal*

COD-462 – *Tratado De Todas as cousas Socedidas ao Valeroso Capitão Dom Vasco da Gama primeiro Conde da Vidigueira: Almirante do mar da India: no descobrimento, e conquistas dos Mares, e Terras do Oriente: e de todas as vezes que ha India passou, e das cousas que socederão nella a todos seus filhos. Dirigido a Dom Francisco da Gama Conde da Vidigueira Almira[n]te do mar Indico, e visorrei da India / Por Diogo do Couto Cronista e Guarda mor da Torre do To[m]bo da India.*

### FONTES IMPRESSAS

Amaral, A. C., *Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portugueses na Asia, escritas por Diogo do Couto, em forma de dialogo, com o titulo do Soldado Pratico, I Parte.* Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1790, pp. 1-204.

Amaral, A. C., *Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portugueses na Asia, escritas por Diogo do Couto, em forma de dialogo, com o titulo do Soldado Pratico, II Parte.* Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1790, pp. 205-236.

Caminha, A. L., *Vida de Diogo de Couto, Chronista do Estado da India, e Guarda mór da Torre do Tombo della, escripta por Manoel Severim de Faria, Chantre, e Conego da Sé de Evora* in *Obras Ineditas de Diogo de Couto.* Lisboa, Impressão Imperial e Real, 1808, pp. 23-44.

Castanhoso, M., *Dos Feitos de D. Christovam da Gama em Ethiopia*, publicado por Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.

Couto, D., *Da Asia*, Dec. IV, Parte I. Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1778.

Couto, D., *Vida de D. Paulo de Lima Pereira... O Hercules Portuguez.* Lisboa, Officina de José Filippe, 1765.

Couto, D., *Vida de D. Paulo de Lima Pereira*, explicação prévia por Gabriel Pereira, Lisboa, Escrip-torio, 1903.

Couto, D., *O Soldado Prático*, texto restituído, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1937; Couto, D., 1954 (2.<sup>a</sup> ed.).

Couto, D., *Década Oitava*, in CRUZ, Maria Augusta Lima Cruz, *Diogo do Couto e a Década 8.<sup>a</sup> da Ásia*, Vol. I, Coleção “Mare Liberum” da CNCDP. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

Couto, D., *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*, introdução, leitura e glossário por José Manuel de Azevedo Silva e & João Marinho dos Santos, Lisboa, Edições Cosmos, 1998.

Couto, D., *O Primeiro Soldado Prático*, introdução, ensaio de leitura, glossário e índice onomástico por António Coimbra Martins e revisão de Francisco Paiva Bléo, Lisboa, CNCDP, 2001.

Couto, D., *O Soldado Prático*, edição, introdução, notas e glossário por, Ana María García MARTÍN, Coimbra, Angelus Novus/Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 2009.

Couto, D., *Diogo do Couto orador. Discursos oficiais proferidos na Câmara de Goa*, edição de M. Augusta Lima Cruz, Rui Manuel Loureiro e, Nuno Vila-Santa. Albufeira/Portimão, Arandis/ISMAT, 2016.

Urreta, L., *Historia de la sagrada Orden de predicadores, en los remotos reynos de la Etiopia: Trata de los prodigiosos sãtos, martyres, y cõfessores, inquisidores apostolicos, de los couentos de Pluriamos, dõde viuen nueue mil frayles: del Alleluya con siete mil: y de Bedenagli, de cinco mil monjas: con otras grandezas de la religion del padre Santo Domingo.../Por el presentado Fr. Lvys de Vrreta...* Imprensa en Valencia, en casa de Iuan Chrysostomo Garriz, año 1611.

### ESTUDOS

- Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., *Diogo do Couto e a Década 8.<sup>a</sup> da Ásia*, Vol. I, Colecção “Mare Liberum” da CNCDP. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “O Tratado dos Gama de Diogo do Couto” in *Oceanos*, n.º 33. Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 117-135.
- Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “Diogo do Couto (1542–1616): Vida e Obra de um autor polémico” in *Memórias 2017*, vol. XLVII. Lisboa, Academia de Marinha, 2018, pp. 157-170.
- Cruz, M.<sup>a</sup> A. L., “Da construção historiográfica de Couto: os trabalhos forçados do editor” in Rui Manuel Loureiro & Maria Augusta Lima Cruz (editores), *Diogo do Couto – História e Intervenção Política de um Escritor Polémico*. Famalicão, Húmus, 2019, pp. 97-115.
- Franco, M. A., “O soldado prático, de Diogo do Couto” in Revista *VIA ATLÂNTICA*, N.º 19. São Paulo, Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, 2011, pp. 203-208. [https://www.academia.edu/51967223/O\\_Soldado\\_Pr%C3%A1tico\\_De\\_Diogo\\_Do\\_Couto?email\\_work\\_card=thumbnail](https://www.academia.edu/51967223/O_Soldado_Pr%C3%A1tico_De_Diogo_Do_Couto?email_work_card=thumbnail) Consultado em 14-09-2023.
- Machado, D. B., *Noticia dos Authores, que Escreveram de Diogo de Couto E Catalogo das Obras, que Compos, extrahidas da Bibliotheca de Diogo Barbosa Machado* in *Bibliotheca Lusitana*, Tom. I. Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, pp. 648-649; Tom. IV. Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759, p. 98.
- Martins, A. C., “Sobre as Décadas que Diogo do Couto deixou inéditas” in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. III. Paris, CCP/FCG, 1971, pp. 253-271.
- Martins, A. C., “Sobre a génese da obra de Couto (1569–1600) – Uma carta inédita” in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. VIII. Paris, CCP/FCG, 1974, pp. 131-174.
- Martins, A. C., “Camões et Couto” in *Les Cultures Ibériques en devenir*. Paris, Fondation Singer-Polignac, 1979, pp. 691-705 (Separata).
- Martins, A. C., “Diogo do Couto et la famille Da Gama: Un traite inédit”, in *Revue de Littérature Comparée*, n.º 234, Hommage à Marcel Bataillon. Paris, 1979, pp. 279-292.
- Martins, A. C., “Quem na estirpe seu se chama...” in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. XVI. Paris, CCP/FCG, 1981, pp. 283-295.
- Martins, A. C., “Pelos Vidigueira e D. Francisco” in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa: Actas* (1980), edição organizada por, Luís de Albuquerque & Inácio Guerreiro. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical/Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1985.

- Martins, A. C., "Uma Questão de método sobre *O soldado prático*" in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa: Actas* (1980), edição organizada por ALBUQUERQUE, Luís de & GUERREIRO, Inácio. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical/Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1985.
- Martins, A. C., "Pelos Vidigueira e D. Francisco" in *Em torno de Diogo do Couto*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1985, pp. 67-95.
- Martins, A. C., "História de Diogo do Couto e dos seus livros" in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. 36. Coimbra, 1991, pp. 73-118.
- Martins, A. C., "Quem conta um conto...: ou Diogo do Couto e as «diferenças» da Índia" in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. XXXIII. Paris, CCP/FCG, 1994, pp. 3-38.
- Martins, A. C., "Os Silenos de Diogo do Couto" in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. XXXVII. Paris, CCP/FCG, 1998, pp. 295-317.
- Martins, A. C., "Introdução à leitura da *Década Quarta da Ásia* de Diogo do Couto" in *Diogo do Couto, Década Quarta da Ásia*, edição crítica e anotada, coordenada por M. Augusta Lima Cruz, Vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, pp. XIII-CXXI.
- Nogueira, J. M. A., *Notícia dos manuscritos da livraria da Excellentissima Casa de São Lourenço*. Lisboa, Typografia Belenense, 1871.
- Vila-Santa, N., "O Primeiro Soldado Prático de Diogo do Couto e os seus contemporâneos" in *Memórias 2017*, vol. XLVII. Lisboa, Academia de Marinha, 2018, pp. 171-190.